

Línguas', de Domenico Starnone, entrou para o top dos meus contemporâneos preferidos

Escritor italiano aborda com primor o mundo interno cheio de complexidade, de beleza e de crueldade de um menino

Por [Tatiana Salem Levy](#)

Valor, 17/01/2025

Entusiasmada com a leitura de “O colibri”, de Sandro Veronesi, aproveitei para ler o último romance de Domenico Starnone, que é um autor que eu adoro e já estava na minha mesa de cabeceira. “Línguas” (Todavia, trad. Maurício Santana Dias) não me decepcionou. Muito pelo contrário, entrou para o top dos meus preferidos contemporâneos. Tenho escrito aqui sobre livros que falam de meninas e, sobretudo, da passagem da infância para a vida adulta nos corpos femininos. Pois bem, “Línguas” aborda com primor a infância de um menino, e assim descobrimos o que meninos e meninas têm de similar e de diferente.

Mas o fato é que gosto cada vez mais de romances que abordam esse momento da vida - em que ainda vivemos um mundo no qual a fantasia é tão real quanto a realidade, mas de vez em quando nos assustamos com a descoberta de que não é bem assim. A intensidade desses sustos são aqueles momentos marcantes que nos acompanham pelo resto da vida, aqueles momentos dos quais nunca nos esqueceremos. O susto da morte e o susto do amor, do fim e do início, dos limites e do ilimitado, essa contradição que está no cerne da nossa existência, estão, sem dúvida, no cerne dessa passagem da infância para a vida adulta. É aqui que encontramos Mimí, um menino de nove anos que vive em Nápoles no pós-guerra. Quem narra é ele próprio, mas já na velhice. Em realidade, é como se o menino e o homem se misturassem o tempo todo, com as palavras de um homem culto - dono de uma cultura italiana que também encontramos em Veronesi, com referências a clássicos, como “A divina comédia”, de Dante Alighieri, mas sem qualquer traço de pedantismo - e o olhar de um menino que se aventura pela primeira vez entre a morte e a paixão. Fica claro que o menino ainda habita o homem, hoje um escritor. Mas um escritor nasce sempre na infância, e talvez este seja o tema central do romance: como Mimí começou a escrever ao se aventurar nas ruas do bairro napolitano,

experimentando alguns dos temas centrais da literatura: amor, traição, duelo e, claro, morte.

Os romances mais interessantes sobre a infância são aqueles que, como “Línguas”, nos revelam como as crianças são atravessadas pelos mesmos sentimentos que os adultos - mas com uma força diferente, pois tudo ganha aqui o peso da iniciação. E também porque aqui as coisas ainda não têm nome e vão ganhando aos poucos, na medida em que elas vão acontecendo. Às vezes demoram anos para serem nomeadas, e ficamos só com a experiência, sem o nome, tornando tudo ainda mais intenso, pois desconhecido, inexplicável, misterioso.

O amor aparece para Mimí na sacada da vizinha do prédio em frente ao dele, um andar abaixo. A menina que o encanta será chamada de a “milanesa”. Ela tampouco tem um nome, porque neste momento o nome talvez não seja necessário. O que importa, isso sim, são os gestos que ela faz ao dançar no parapeito de pedra da sacada. Até eu me apaixonei pela menina que dança à beira do precipício, o risco de cair no chão e se espatifar tão próximo aos riscos da paixão. Eros e Thanatos, ou pulsões de vida e de morte, segundo Freud. Uma tocando a outra, sempre. Teria o menino se apaixonado pela menina se ela não dançasse tão perto da morte?

Essa paixão o arrasta para um mundo interno cheio de complexidade, de beleza e de crueldade. Domenico respeita os sentimentos do menino, na medida em que os valoriza, em que nos revela seu tamanho e sua realidade. O menino sente tanto quanto um adulto. Ou até mais. E seus sentimentos nunca são desprezados como “coisas de criança”. Pelo contrário, seu mundo subjetivo compõe o eixo do romance. Nada é mais importante aqui do que aquilo que Mimí vive e sente.

A “milanesa” é observada pelo menino que, por sua vez, é observado pela avó. Uma senhora feia, que fala mal o italiano - sua língua é o dialeto -, que não sai de casa, que trabalha para a filha, o genro e os netos e que, tal como a menina, quase não é chamada pelo nome. É a sogra, a avó, a mãe, a viúva... Falta-lhe um nome próprio, assim como lhe falta uma vida própria. Enviuvou aos 22 anos de idade e ficou congelada no tempo, com a eterna lembrança do marido, que partiu tão cedo. Só não congelou a beleza, que o neto descobre por acaso numa fotografia e se assusta. Mais um susto: o tempo passa, as pessoas envelhecem, a avó já foi uma bela mulher antes de se tornar o que é.

Hoje, presa em casa, ela é devota ao amor pelo neto, protege-o mesmo quando ele não tem razão. Se a menina baila pela imaginação do

menino, configurando um amor platônico, a avó é seu afeto concreto, diário, aquele do qual ele só vai se dar conta muito tempo depois, quando dela se lembrar, quando escrever a sua história.

A avó observa o neto, a sua paixão e a batalha que trava com seu grande amigo Lello, apaixonado pela mesma menina. Aqui temos o clássico triângulo da literatura: o herói, o vilão e a amada, sempre inalcançável, na sacada, como Julieta e tantas outras. Tudo muito intenso e real - e já fadado ao fracasso, como em qualquer boa tragédia ou história de amor romântico. Como nos clássicos, o menino sofre, ama, perde-se, luta, corre perigos, e nós com ele. E, como em toda boa literatura, muito mais importante do que o fim, é o que vivemos pelo caminho.

Nas ruas pobres de Nápoles do pós-guerra, num duelo físico, mas também linguístico, pois o menino passa a falar italiano e rejeita o dialeto por causa da menina, o menino vai se tornando protagonista do romance que lemos, mas também seu autor. “Línguas” é, sem dúvida, um romance sobre o amor pela literatura, pela arte de imaginar histórias e de escrever aquilo que vivemos. Ele se situa bem aí, nessa fronteira, entre a experiência e a imaginação: contar o que se vive e viver o que se inventa. “É claro que a menina tinha um nome, mas eu nunca soube”, confessa Mimí, jovem adulto, para a sua namorada. Décadas depois, quando escreve essa história, o narrador vai aos poucos encontrando um nome para cada personagem, definindo os lugares que ocupam na sua vida, o afeto que o sustenta ainda hoje, seja o da paixão platônica, seja o do amor da avó.

Entre a namorada presente e a “milanesa” desaparecida, Mimí escolhe a literatura. Na passagem nunca inteiramente concluída do menino para o homem, Domenico Starnone descobre o escritor.

*

PS: Jurei para mim mesma que nunca mais entraria na discussão sobre se Domenico Starnone e/ou sua mulher, Anita Raja, são Elena Ferrante. Afinal, o que isso importa?, perguntaria o consenso crítico. Mas, como escritora, não resisto a imaginar histórias, sobretudo quando Domenico Starnone faz brincadeiras explícitas no que ele escreve - contradizendo, e aí está a graça, as suas afirmações públicas. Vejamos: em “Línguas”, há um bairro pobre napolitano no pós-guerra; há o conflito entre o italiano e o dialeto; há o conflito entre o estudo e o não estudo, pois o menino é o primeiro na família a entrar para a

faculdade e, por fim, qual o nome da namorada de Mimi, que o trai com seu amigo de infância? Nina, claro!

Confesso que, depois de descoberta a história de Anita Raja, sempre achei que fosse ela, embora eu tivesse a pulga atrás da orelha com Starnone desde que li “Laços”, de sua autoria, e “Dias de abandono”, de Ferrante. Agora, com “Línguas”, volto a acreditar que Ferrante é o alter ego feminino de Starnone. E, se assim for, é claro que Ferrante morrerá anônima, pois saber que em realidade ela é um homem vai abalar todo um universo de leitoras que acreditam que só uma mulher pode escrever assim. Será?

Tatiana Salem Levy, escritora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, escreve neste espaço quinzenalmente
E-mail: tatianalevy@gmail.com